

**(RE)EXISTÊNCIA INDÍGENA LINGÜÍSTICA E CULTURAL
EM CONTOS DE KAWANY FULKAXÓ: NOTÍCIAS
DE UMA PESQUISA EM ANDAMENTO**

Maria Ionaia de Jesus Souza (UNEB)

ionaiasouza@yahoo.com.br

Maria da Conceição Reis Teixeira (UNEB)

conceicaoreis@terra.com.br

RESUMO

A presença do indígena em território brasileiro remonta a um passado marcado por uma destruição massiva dos povos originários, que culminou no apagamento de memórias linguísticas e culturais das comunidades indígenas no Brasil colonial. Por entender que a temática indígena, em perspectiva histórica, ainda é pouca explorada em pesquisas, principalmente questões relacionadas a fatos linguísticos, esta pesquisa poderá promover o conhecimento – ainda que indireto – da cultura indígena e fomentar discussões para futuras intervenções no campo das ações em políticas públicas educacionais, de forma a lançar um olhar mais atento à construção da identidade indígena lexical e cultural, disseminada na sociedade brasileira. Assim, este estudo objetiva reconhecer o léxico da comunidade kariri-Xocó em contos de Kawany Fulkaxó como instrumento de (re)existência indígena linguística e cultural.

Palavras-chave:

Kariri-xocó. Contos indígenas. Povos originários.

ABSTRACT

The presence of indigenous people in Brazilian territory dates back to a past marked by a massive destruction of native peoples, which culminated in the erasure of linguistic and cultural memories of indigenous communities in colonial Brazil. Understanding that the indigenous theme, in a historical perspective, is still little explored in research, especially issues related to linguistic facts, this research may promote knowledge – albeit indirect – of indigenous culture and foster discussions for future interventions in the field of actions in public educational policies, in order to take a closer look at the construction of lexical and cultural indigenous identity, disseminated in Brazilian society. Thus, this study aims to recognize the lexicon of the Kariri-xocó community in tales by Kawany Fulkaxó as an instrument of indigenous linguistic and cultural (re)existence.

Keywords:

Kariri-xocó. Indigenous tales. Native peoples.

1. Introdução

Memória e esquecimento são caminhos que se cruzam, movidos por um fio que é a lembrança. O movimento da lembrança ativa as mar-

cas temporais, estabelecendo uma relação de convívio. Segundo Le Goff (1996, p. 426), “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordarmos os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento”.

Preservar a memória histórica, cultural e linguística de uma comunidade é uma tarefa à qual ainda se interpõem alguns entraves. Um dos mais significativos se refere a pouca disponibilidade de documentação histórica. Para Mattos e Silva (1991, p. 27), “o conhecimento de qualquer língua – se ela é documentada por algum tipo de *escrita* ou de *inscrição* – é sempre fragmentado, porque fragmentário é o espólio de que dispõe o pesquisador”.

Com o intuito de dar continuidade à temática indígena, abraçada no desenvolvimento do projeto de mestrado em Letras, intitulado “Cartas, requerimentos, pareceres e afins: edição e estudo de documentos da Capitania da Bahia do século XVIII”, cujo objetivo principal foi editar diplomaticamente vinte e quatro manuscritos do século XVIII, pertencentes ao Arquivo Histórico Ultramarino e relacionados à temática indígena da Capitania da Bahia, buscou-se ampliar o conhecimento sobre a história dos povos originários, especificamente sobre a comunidade karirixocó no nordeste brasileiro, por apresentar uma família linguística bastante dispersa, resultado de dialetos falados por outras tribos. Por entender que a temática indígena, em perspectiva histórica, ainda é pouca explorada em pesquisas, principalmente questões relacionadas a fatos linguísticos, a pesquisa detalhada neste projeto poderá promover o conhecimento – ainda que indireto – da cultura indígena e fomentar discussões para futuras intervenções no campo das ações em políticas públicas educacionais, de forma a lançar um olhar mais atento à construção da identidade indígena lexical e cultural, disseminada na sociedade brasileira. Outra questão relevante é sobre o espaço territorial. Os indígenas foram, gradativamente, perdendo o território, o que para eles é sagrado e por isso bastante simbólico. As palavras de Haesbaert (2005, p. 4) reafirmam a importância dessa territorialização, quando expressa que

Assim, poderíamos falar em dois grandes “tipos ideais” ou referências “extremas” frente aos quais podemos investigar o território, um mais funcional, outro mais simbólico. Enquanto “tipos ideais” eles nunca se manifestam em estado puro, ou seja, todo território “funcional” tem sempre alguma carga simbólica, por menos expressiva que ela seja, e todo território “simbólico” tem sempre algum caráter funcional, por mais reduzido que ele seja. (HAESBAERT, 2005, p. 4)

É válido lembrar que, no Brasil, foram suprimidas nações indígenas inteiras, e como forma de resistência e sobrevivência, muitas ainda lutam pelo reconhecimento de sua condição. Preservar e permitir maior acessibilidade à historicidade dos povos originários em território brasileiro é urgente, no sentido de construir uma sociedade mais justa e digna para a promoção do respeito aos valores, tradições e conhecimentos indígenas milenares. Diante do exposto, e sabendo-se que muito da cultura do povo brasileiro foi herdada do indígena, faz-se necessário compreender e preservar as diferentes expressões dentro do contexto onde se originam.

Ao delinear o processo de pesquisa, percebe-se a importância deste estudo por três olhares. O primeiro é o olhar acadêmico, uma vez que a universidade está cada vez mais inclusiva, dialógica e possibilita que as minorias sejam visibilizadas, sejam vistas, não como coitadas, mas como contribuintes para a formação do Brasil. O segundo olhar é o social, porque a sociedade não pode negar o extermínio e invisibilizar as populações dos povos originários; inclusive é papel da escola trazer essas discussões para a sala, incluindo em suas atividades as manifestações culturais dos povos indígenas, não da maneira folclórica como usualmente era feito. E, por último, e não menos importante, o conhecimento pessoal, uma vez que, anteriormente à produção acadêmica, o que se conhecia sobre a população indígena se limitava, apenas, ao que era apresentado no livro didático, todavia, depois de um contato mais direto, principalmente pela voz do indígena, há uma abertura para o crescimento profissional e, também, como ser humano.

Nesse sentido, crê-se que um estudo linguístico e cultural proposto no projeto intitulado *(Re)existência indígena linguística e cultural: um estudo do léxico kariri-xocó em contos de Kawany Fulkaxó* poderá revelar, não apenas a (re)existência linguística do povo kariri-xocó, mas também questões sócio-históricas e culturais em relação à inserção dos povos indígenas no contexto social, além de contribuir com informações relevantes para compreender como a produção literária poderá auxiliar na preservação e sobrevivência dos indígenas no contexto onde se originam.

2. *Justificando a escolha do corpus*

Durante muito tempo os livros didáticos apresentaram uma visão estereotipada da figura indígena no processo de formação da sociedade brasileira. O indígena, que deveria ser o protagonista de sua própria his-

tória, foi silenciado e o olhar ocidental disseminou uma história forjada que camuflou os saberes e a cultura dos povos originários. A violência e a crueldade que os povos indígenas sofreram pelos colonizadores desde o “achamento” do Brasil causaram a dizimação de vários povos e constituem um crime contra a espécie humana, contra o patrimônio ecológico e o patrimônio cultural brasileiro. Essa diversidade de riqueza é ressaltada por Aryon Rodrigues (2002):

Os índios do Brasil não são um povo: são muitos povos, diferentes de nós e diferentes entre si. Cada qual tem usos e costumes próprios, com habilidades tecnológicas, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social e filosofia peculiares, resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos. E distinguem-se também de nós e entre si por falarem diferentes línguas. (RODRIGUES, 2002, p. 17)

Nunca é demais lembrar que, no Brasil, nações indígenas inteiras foram suprimidas, causando o apagamento da identidade linguística e cultural dessas comunidades. No prefácio da obra de Grondin e Viezzler (2021, p. 17-18), as palavras de Ailton Krenak expressam a violência que os povos originários sofreram em solo ameríndio:

Seguindo a mesma rota de fome de riquezas, os portugueses chegaram à América do Sul, tratando com ferro e fogo os povos Guarani e Tupinambá, em toda a costa brasileira, destruindo milhares de aldeamentos e cobrindo as praias de cadáveres em represália às lutas de resistência nativa nas chamadas guerras indígenas... [...] Cobiça e vingança foram o motor daquelas guerras de destruição movidas contra as nações indígenas. [...] Aldeias inteiras foram destruídas, milhares de mortos e terras conquistadas para o rei: este foi o saldo da celebrada “descoberta” do Brasil. (KRENAK. In: GRONDIN; VIEZZER, 2021, p. 17-18)

Muitos remanescentes indígenas que resistiram aos conflitos, por questões de sobrevivência, tiveram que assimilar a cultura do colonizador. Outros, por atração ao desconhecido, aderiram ao convívio com os novos senhores, causando o apagamento cultural de sua identidade. Pode-se dizer que a perda dessa história está relacionada, como chamou Darcy Ribeiro, à “criação de um povo novo”, a partir da interação cultural e étnica das populações que habitavam o território brasileiro no período colonial.

O etnocentrismo europeu disseminou um discurso que apresentava o indígena como selvagem, indolente, preguiçoso e possuidor de maus costumes. Essa visão silenciou muitos outros discursos, como aponta Orlandi (1990, p. 56):

Esse processo de apagamento do índio da identidade cultural nacional tem sido escrupulosamente mantido durante séculos. E se produz pelos meca-

nismos mais variados, dos quais a linguagem, com a violência simbólica que ela representa, é um dos mais eficazes. (ORLANDI, 1990, p. 56)

Com a prática de evangelização dos “gentios”, o discurso etnocêntrico foi persistindo e a identidade do indígena foi se distanciando, como escreve Teyssier (2001, p. 62): “no que se refere à cultura, a contribuição do português foi de longe a mais importante”. Os indígenas tiveram que abdicar de uma organização societária e política, sem o direito de viverem aglomerados, por conta da vontade do dominador, que não lhes assegurava o direito de ser indígena. Ao contrário, as classes dominantes causaram tensões de caráter traumático porque, como bem assinala Daniel Munduruku (2007, p. 50) “não viam os indígenas como ser de vontade própria e por isso passaram a ser (...) uma pedra no calcanhar do progresso sem direito a se rebelar pelos maus tratos que sofriam”. O indígena passou a ser um infortúnio divino, sinônimo de atraso, de selvageria, de barbárie, de primitivismo, de canibalismo, etc. Havia um verdadeiro exército, inclusive religioso, a lembrar para os nativos e seus descendentes que sobre eles pesavam uma grande sentença: não viverás, não vencerás.

As classes dominantes causaram, nos povos originários, grandes tensões, de caráter traumático, com uma história dolorosa, sobretudo nos primeiros séculos de colonização no Brasil, onde os indígenas tiveram que abdicar de uma organização societária e política, sem o direito de viverem aglomerados, por conta da vontade do dominador, que não lhes assegurava o direito de ser indígena.

Hoje as perspectivas de lutas *indígenas* são outras. A revolução é de outra ordem, que parece ser silenciosa, pois os indígenas não estão pegando em zarabatanas, em arcos ou flechas. Eles estão se apropriando de outro recurso para lutar por seus direitos, reivindicando a representatividade como forma de exercer o papel enquanto cidadãos. Hoje eles estão usando a língua, que é a educação, outro conhecimento que vai ser unido ao conhecimento ancestral deles, um conhecimento empírico, e somado ao científico, o indígena vai se apropriando e se transformando nesse conhecimento através da ancestralidade. Ou seja, na centralidade da educação como força motriz de mudança, ao mesmo tempo, de preservação de uma memória ancestral.

A comunidade indígena vem contribuindo com uma vasta produção literária. Autores e autoras indígenas perceberam a literatura como meio para rever os estereótipos criados pelo olhar colonizador, essa literatura é apresentada pelo lugar de fala na concepção de Djamilia Ribeiro

(2020). Para Djamilia (2017), “lugar de fala se refere à discussão de poder a partir da localização de um indivíduo dentro da estrutura social”. Em outras palavras, “é a forma como cada pessoa se posiciona e debate questões sociais a partir do seu lugar social. Não se trata da experiência individual, mas das experiências comuns a grupos”.

Dentro dessa concepção, os indígenas, considerados minorias, vivenciam uma experiência com tratamento social desigual e possuem propriedade para reivindicar por respeito, num diálogo onde podem se posicionar sobre a própria participação na construção social. Assim, o lugar de fala pode proporcionar aos indígenas, “historicamente invisibilizados”, direito à voz, cujos pensamentos foram desconsiderados durante muito tempo. De encontro a essa questão, produções literárias que associem a cultura indígena com a vivência no contexto social contemporâneo vêm aumentando de forma significativa e pode abrir uma reflexão para pautas que têm como temática o lugar do indígena no panorama social brasileiro. Cabe aqui exemplificar as produções literárias da indígena Kawany Fulkaxó.

O legado de luta e resistência é uma ação recorrente entre os povos originários e não poderia ser diferente com o povo kariri-xocó, classificado pelo colonizador de tapuias, no sentido de rebelde, “brabo”, e se esse termo generalizava as etnias de índole e procedências diametralmente opostos ao que pregava o colonizador, vale ressaltar que os indígenas eram os donos da terra e viviam livres, respeitando a terra e em sintonia com a ancestralidade. Além do mais, ser diferentes dos invasores era uma característica genuína aos povos originários.

Dentro da dinâmica de revitalização cultural e perpetuação dos costumes ancestrais, está a indígena Denízia Cruz, nome civil, todavia, nos livros que escreve ela se apresenta como Denízia Kawany Fulkaxó⁴¹. Para entender a potência dessa mulher, é preciso traçar um pouco da sua trajetória dentro do contexto onde ela se insere.

Denízia Kawany é indígena do povo Fulkaxó, da aldeia Fulkaxó, situada na cidade de Pacatuba-SE, e do povo kariri-xocó, da cidade de Porto Real do Colégio-AL. Mulher, mãe, professora, pedagoga, especialista em desenvolvimento Infantojuvenil, com enfoque psicoeducacional, bacharela em direito, mestre em história (Educação Africana, Povos In-

⁴¹ Explicação dada por Denízia para a escolha do nome social: “Kawany, que significa folha em Tupi, foi escolhido para proteger minha espiritualidade e Fulkaxó significa a junção de três etnias: Fulnio-ô, do estado de Pernambuco; Kariri, do estado de Alagoas; Xocó, do estado de Sergipe.”

dígenas e Culturas Negras), escritora e contadora de histórias. É ativista na defesa dos povos originários, do meio ambiente e dos direitos humanos. Nasceu em 1980, na Aldeia Kariri-Xocó, na cidade de Porto Real do Colégio, em Alagoas, e dedicação voltada à cultura e história do povo indígena. Com uma trajetória autorreflexiva, Kawany está empenhada nas questões que envolvem a organização social, econômica e cultural das pessoas da comunidade em que ela vive. Ela verbaliza que o seu povo viveu conflitos intensos, enfrentando, desde sempre, o preconceito e a violência, sendo confrontado e confrontando a sociedade não indígena, esta, por sua vez, não entende, não aceita e, muito menos, respeita a cosmologia dos povos originários. Ressalta que a busca de entendimento, aceitação e respeito à causa indígena é uma luta diária para reversão de um imaginário distorcido e estereotipado, criado pelos invasores e mantido pelos seus descendentes, o que fez do seu povo, e dela, aquilo que se autodenominam: aldeia de “índios fortes”.

Nesse sentido, esta pesquisa objetiva reconhecer o léxico da comunidade kariri-xocó em contos de Kawany Fulkaxó como instrumento de (re)existência indígena linguística e cultural, para compreender de que forma o léxico usado pela comunidade pode contribuir no processo de preservação e disseminação da cultura dos povos originários. A pesquisa também objetiva: a) verificar como o léxico indígena contribui para a construção identitária do povo kariri-xocó no contexto das obras literárias pesquisadas; b) possibilitar a abertura de novos diálogos para a condução da leitura e do ensino da literatura de produção indígena; c) debater sobre as ações educacionais adotadas por indígenas em prol da revitalização linguística e cultural dentro da comunidade que estão inseridos; d) fomentar discussões para futuras intervenções no campo das ações em políticas públicas educacionais, de forma a lançar um olhar mais atento à construção da identidade indígena linguística e cultural; e) proporcionar o conhecimento – ainda que indireto – da cultura indígena; f) analisar os campos lexicais de base indígena usados nos contos de Kawany Fulkaxó.

3. *Sobre o suporte teórico*

Para direcionar a pesquisa proposta neste projeto, no que se refere ao léxico, tem-se como suporte os estudos de Coseriu (1977). Para Coseriu, há uma correlação entre as palavras, as quais podem ser organizadas por meio de sistemas ou campos (macro e microcampos), e essa teoria facilitaria a organização do léxico a ser levantado na pesquisa proposta. Cada campo, conforme Mário Villela (1979, p. 60-61), “(...) compreende

um conjunto de unidades léxicas que dividem entre si uma zona comum de significação com base em oposições imediatas”. Sendo assim, não se podem analisar as lexias isoladamente, mas em seu contexto. Daí a importância de pesquisar e considerar, no *corpus*, o contexto em que as lexias foram empregadas.

Há muitos exemplos da aplicação da Teoria dos Campos Lexicais proposta por Coseriu (1977), dentre eles, o de Leite e Abbade (2018) no artigo intitulado “O campo léxico da vaqueiragem nas cartas destinadas ao barão de Jeremoabo”. Nesse artigo, as autoras apresentaram resultados de investigação documental nas 190 cartas supracitadas, *corpus* da pesquisa, a qual identificou e detalhou o léxico de uma comunidade de vaqueiros. Tal exemplo demonstra que a retomada de fontes históricas escritas pode subsidiar pesquisas científicas sobre o léxico de um povo, revelando muito da sua cultura. Outro exemplo de estudo do léxico é o artigo de Souza e Queiroz (2018), “Filologia, léxico e crime: edição e estudo lexical de uma queixa-crime”, onde foi analisado o campo léxico das ações na queixa-crime (microcampo das ações praticadas; microcampo das ações sofridas).

Desse modo, aplicando a Teoria dos Campos Lexicais, pretende-se compreender a construção identitária do povo kariri-xocó no contexto das obras literárias pesquisadas, a partir das realizações linguísticas presentes nos contos estudados. Visando um conhecimento mais profundo sobre a aplicação dessa teoria coseriana, serão considerados os estudos de Celina Abbade (2006, 2015). Também serão usadas as reflexões de Biderman (2001), pois, segundo ela, os falantes são os únicos responsáveis pelas transformações lexicais, podendo criar ou conservar novas acepções do léxico. Sendo assim, a expansão do léxico será contínua enquanto a língua existir como meio de comunicação oral ou escrita. Para Biderman (1981, p. 138), o léxico pode ser definido como o “(...) tesouro vocabular de uma determinada língua”, a qual incorpora a “(...) nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas atuais e do passado”. Pode-se, então, considerar o léxico como o nível da língua que melhor revela a realidade extralinguística. Nesse sentido, estudar o léxico é estudar a história, memória e cultura de um povo.

Em relação ao suporte teórico para entender a história linguística e cultural sobre o povo kariri-Xocó, as obras de Ulysses Fernandes (2013), Copque (2021), Viezzer e Grondin (2021) e Paiva (2015) apresentam um panorama sócio histórico dos povos originários e algumas es-

pecificidades sobre a comunidade kariri-xocó. Os textos do pensador e escritor Nhenety Kariri-Xocó discorrem sobre vários temas sobre a história e tradição dos povos originários, dando um panorama amplo e geral dos costumes antigos e atuais do indígena no Nordeste brasileiro, o que possibilitará uma imersão da cultura no contexto social da comunidade kariri-xocó.

Também são repletos de historicidade os quatro volumes dos contos de Kawany Fulkaxó, *corpus* de base para a pesquisa proposta neste projeto, que evidenciam comportamentos em direção da manutenção da identidade indígena.

4. *Considerações finais*

Em relação à coleta de informações, como a pesquisa está em curso, foi possível fazer a abordagem sócio-histórica do povo kariri-xocó. As leituras evidenciaram que Kawany Fulkaxó se tornou defensora e protetora das questões que envolvem os indígenas e, mesmo diante da invisibilidade social enfrentada pelos povos originários, ela rompe as barreiras do preconceito e em seus contos, numa busca desbravadora, dissemina comportamentos culturais e usos linguísticos que fazem parte da identidade indígena do seu povo, tendo como base o comportamento ancestral.

Também foi selecionado o material que embasa a teoria dos campos lexicais e, por fim, foi feita a seleção das obras de Kawany Fulkaxó, *corpus* de base para esta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina M. de Souza. A teoria dos campos lexicais. In: ALMEIDA, A.A.D.; SANTOS, E.S. dos; SOLEDADE, J. (Orgs). *Saberes lexicais: mundos, mentes e usos*. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 73-91

_____. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, M. da C.R. *et al. Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006, p. 213-25

BAGNO, Marcos; CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia. *Pororoca, pipoca, paca e outras palavras tupi*. São Paulo: Parábola, 2014.

BERTOLETTI, E. C. *Arquivo – escaninho das memórias*. Disponível em: <http://www2.iict.pt/?idc=102&idi=11716>. Acesso em: 13 jun. 2019.

BIDERMAN, Maria Tereza C. A estrutura mental do léxico. In: _____. *Estudos de filologia e linguística: homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T. A. Queiroz / EDUSP, 1981. p. 131-45

_____. *Teoria linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (2008). Estudo de escolarização de aldeados no Brasil do século XVII: um caminho para a compilação de possíveis fontes escritas em português por “Tapuia”. *Libro de resúmenes de XV Congreso Internacional de la Asociación de Linguística y Filología de América Latina/ALFAL*, p. 263-63.

COPQUE, Diego de Jesus. *Do Joanes ao Jacuípe: uma história de muitas querelas, tensões e disputas locais*. Salvador: Cogito, 2021.

COSERIU, Eugenio. *Princípios de semântica estrutural*. Madrid: Gredos, 1986 [1977].

FULKAXÓ, Nankupé Tupinambá. *Entre cartas, crônicas e textos jornalísticos: o que fizemos com o nosso povo?* Camaçari-BA: Pinaúna, 2019.

LE GOF, Jacques. Memória. In: _____. *Memória e História*. Trad. de Bernardo Leitão *et al.* 4. ed. Campinas, 1995.

LEITE, Eliane Santos; ABBADE, Celina M. de Souza. O campo léxico da vaqueiragem nas cartas destinadas ao Barão de Jeremoabo. In: SANTOS, E.S. dos; ALMEIDA, A.A.D.; SIMÕES NETO, N. (Orgs). *Olhares sobre o léxico: perspectivas de estudos*. Salvador: EDUNEB, 2018. p. 251-68

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes; MAIA, Clarinda de Azevedo. *Diálogos de São Gregório: edição e estudo de um manuscrito medieval português*. Salvador-BA: EDUFBA, 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Global, 2013.

NHENETY, Kariri-Xocó. *Fulkaxó: ser e viver Kariri-Xocó*. Organizado por Ulysses Fernandes; Serviço Social do Comércio. São Paulo: Edições SESC SP, 2013.

PAIVA, Eduardo França. *Dar nome ao novo: uma história lexical da Ibero-América entre os séculos XVI e XVIII (as dinâmicas de mestiçagem e o mundo do trabalho)*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SOUZA, Damares O. de; QUEIROZ, Rita de Cássia R. de. Filologia, léxico e crime: edição e estudo lexical de uma queixa-crime. In: ABBADE, C.M. de S.; BARREIROS, L.L.S.; DOURADO, L.M.A.; BARREIROS, P.N. (Orgs). *Filologia e estudos do léxico*. Feira de Santana: UEFS, 2018. p. 109-24

GRONDIN Marcelo; VIEZZER, Moema. *Abya Yala, genocídio, resistência e sobrevivência dos povos originários das Américas*. 1. ed. Rio de Janeiro, 2021.

VILELA, Mário. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almedina, 1979.